

O FUTURO EM PORTUGUÊS:
ALGUNS ASPECTOS TEMPORAIS E/OU MODAIS

FÁTIMA OLIVEIRA

Fac. de Letras do Porto

O objectivo deste texto consiste em, através da análise de várias formas de exprimir o Futuro, discutir em que medida ou sob que aspectos a referência temporal se relaciona com uma componente modal.

Embora as formas linguísticas de explicitar "posterioridade" em relação ao tempo de enunciação sejam múltiplas, centrar-nos-emos fundamentalmente sobre as incidências deste processo linguístico ligado aos verbos, quer através de formas sintéticas marcadas morfológicamente, quer de formas analíticas do tipo IR+Inf., apoiando-nos, nalguns casos, em tratamentos diacrónicos.

A abordagem é feita dentro do quadro de uma semântica de mundos possíveis na medida em que se considera que a marca de "futuridade" supõe o recurso a uma tal semântica, pois o valor de verdade de uma tal proposição sob o escopo de um operador F(uturo) não pode ser determinado senão num intervalo de tempo posterior. Desta forma, considera-se que a referência ao futuro determina a abertura de um leque mais ou menos amplo de mundos possíveis dependente do conjunto de conhecimentos disponíveis, em estreita relação com "inertia worlds" ou "planos" estabelecidos, e sobre os quais um acto linguístico particular opera restrições, pois o locutor focaliza preferencialmente uma determinada "história".

A opção entre formas diferentes dependerá, assim, da relação destas coordenadas de acordo com a perspectiva em que se coloca o locutor.

Tenta-se, ainda, estabelecer qual a relação linguística eficaz entre os operadores modais e temporais no tratamento semântico do Futuro de forma que se possa concluir qual a interdependência entre o tempo e a modalidade.

FUTURE IN PORTUGUESE:
SOME TIME AND/OR MODAL ASPECTS

Analysing different ways of expressing the Future, the aim of this text is to discuss the extent to which and how time reference is related to a modal component.

There are several linguistic forms of expressing "posteriority" in relation to the moment of speech but we shall concentrate essentially upon the incidence of this verbal-related linguistic process. This can be achieved either through morphologically marked synthetic forms or through analytical forms of IR+INF type, by means of a diachronic perspective in some cases.

This view is taken within the frame of possible worlds since it is supposed that "Futurity" implies the use of such semantics and that the value of truth of a proposition under the scope of an operator F(utury) cannot be determined out of a posterior time interval. We then consider that reference to future spans over a wider or narrower amplitude of possible worlds depending on the scope of available knowledge, intimately linked to "inertia worlds" or established "plans". A particular linguistic act creates restrictions upon these "worlds" since the speaker bears primarily in mind a certain "story".

The option between different forms will then depend on the relation of these coordinates within the speaker's point of view.

We further attempt to establish the linguistically efficient relation between modal and time operators in a semantic study of Future, in order to infer the interdependence between tense and modality.

"O tempo futuro ou vindouro, toda a existência quer começada, quer continuada, quer acabada, dos seres que lhe hão de seguir; e bem assim, por ordem a todos os tempos, a existência meramente possível das coisas que nunca existiram nem hão de existir, mas que poderiam existir, dada certa hipótese"

Esta citação revela-nos a dualidade modo-tempo que o Fut. tem manifestado ao longo dos tempos. Com efeito, S. Barbosa considera que o Fut. pode ser a "existência [...] dos seres que lhe hão de seguir" e nesse caso é um tempo ou a "existência [...] possível das coisas [...] dada certa hipótese", constituindo neste caso um modo ou tendo um comportamento modal.

Esta questão não é nova, pois o Fut. simples gramatical, de origem modal, tem manifestado do ponto de vista semântico uma oscilação constante, facto, aliás, notório no Português actual europeu. Mas a futuridade não se resume à utilização desta forma gramatical, e o Português tem outras formas de o expressar não só através de advérbios e expressões adverbiais, como também de formas analíticas construídas com auxiliar, com mais ou menos cambiantes modais, processo que não singulariza esta língua pois se verifica igualmente em línguas como o Inglês, o Romeno, o Sardo...[1].

De facto, o Fut., se encararmos o tempo linearmente, é o tempo posterior ao presente, muito provavelmente o presente da enunciação,[2] o que nos faz supor que há sempre uma certa informação por parte do Loc., no momento em que se refere ao Futuro, do estado actual de coisas que lhe permite predizer o que acontecerá, sabendo-se que o Fut. é não-factual [3] e supõe uma abertura para mundos ou histórias possíveis, dos quais o locutor escolhe um, sob qualquer critério preferencial, revelando assim a sua intenção, a sua disposição, o seu plano, a predeterminação dentro de uma relação de causa e efeito elaborada, por vezes, com base em conhecimentos experienciais ou outros.

No tratamento adequado de qualquer tempo linguístico é, provavelmente, fundamental a conjugação de uma tipologia de predicados com tempos e advérbios, na medida em que isso forneça um panorama da Futuridade em Português, assim como noutras línguas, embora, por vezes, os processos utilizados possam parecer diferentes.

Não é, no entanto, objectivo deste estudo uma caracterização exaustiva de todos os processos linguísticos que marcam a futuridade; cingir-nos-emos ao estudo de algumas formas em ligação à referência futura, tendo em vista a discussão daquilo que poderemos entender por este fenómeno. Escolhemos como formas de análise, o futuro simples, *ir+inf* e formas do presente verbal, em frases simples, tendo em vista a sua articulação.

Em qualquer forma de fazer referência futura, aquilo que asserimos só pode verificar-se ou não num intervalo de tempo posterior ao intervalo tido como presente, entrando várias coordenadas em jogo. Destas, consideramos a dimensão temporal e uma estimativa que se relaciona com inferências baseadas em determinados factos - que não apresentam evidência do contrário -, também com planos estabelecidos pelo sujeito, e/ou com corroborações de certas leis ou tendências naturais que pressupomos. Daí que o efeito pragmático de um futuro nos faça admitir uma certa escala de graus de certeza correlativos a diferentes tipos de entoação.

No entanto, daqui não se pode concluir imediatamente que o Fut. ou até a futuridade sejam primordialmente um modo, embora o Fut. simples, pela sua formação e evolução, se aproxime de modo, o que de resto não o singulariza no sistema verbal do Português, pois outras formas também manifestam cambiantes modais [4], o que evidencia como o tempo e o modo estão em constante inter-relação. A concepção de Fut. é, dentro da evolução semântico-linguística, uma das aquisições temporais mais recentes; em Latim evolui de um optativo que, nalguns casos, também deu o conjuntivo (modo da não actualidade), o que faz com que em certas construções sintácticas, este seja utilizado para exprimir futuridade.

Começemos por observar alguns exemplos em que o futuro é expresso pelas três formas que são objecto deste estudo:

(1) Sairei contigo qualquer dia.

(2) Vou sair contigo qualquer dia.

(3) Saio contigo qualquer dia.

Em qualquer dos casos, trata-se muito plausivamente de uma promessa mas, embora isso interesse, o que aqui nos ocupa é a relação entre estas três frases que remetem para um futuro de formas diferentes. Em (1) faz-se uma estimativa de que "sair é possível se...". Note-se que esta paráfrase contém "possível" e uma condicional. (2) sugere a existência de um plano delineado no tempo anterior à enunciação e do qual se dá conta através desta forma. Esse plano, no entanto, espera-se que siga o curso normal dos acontecimentos, parecendo, assim, que só uma alteração de estados de coisas independente do Loc. poderá modificar a sua efectivação. (3), por seu turno, é mais do que um plano, isto é, o Loc. afirma, no presente, um acontecimento do futuro com a finalidade de produzir o efeito de garante de promessa. Só neste caso, a promessa não parece ser apresentada como modalizada, pois se utiliza um presente que é habitualmente factual, para se dizer algo de (ainda) não-factual mas que já se antevê como factual.

Repare-se ainda que nem (2) nem (3) apontam para um futuro eminente ou próximo - como já se tem afirmado acerca destas formas - pois "qualquer dia" não é preciso quanto à delimitação temporal. Por outro lado, a eminência ou proximidade no tempo advém fundamentalmente dos advérbios ou expressões adverbiais que com aquelas formas se combinam. Neste sentido, observem-se os seguintes exemplos:

(1') Sairei contigo imediatamente.

(2') Vou sair contigo imediatamente.

(3') Saio contigo imediatamente.

em que as observações feitas para (1), (2) e (3) também se apresentam válidas. Aliás, a forma "ir+inf." é actualmente mais usual em

discurso coloquial [5] , o que parece sugerir uma mudança de padrão, construindo-se o futuro com base num "auxiliar+inf.", como aliás acontece com as formas de Futuro simples por "inf.+presente do verbo haver" que depois se aglutinou dando origem à forma que hoje temos. Este processo é idêntico para outras línguas como o Francês e o Espanhol, que apresentam também futuros do tipo ir+inf., construção que apresenta alguns paralelismos com a dos modais Dever e Poder.

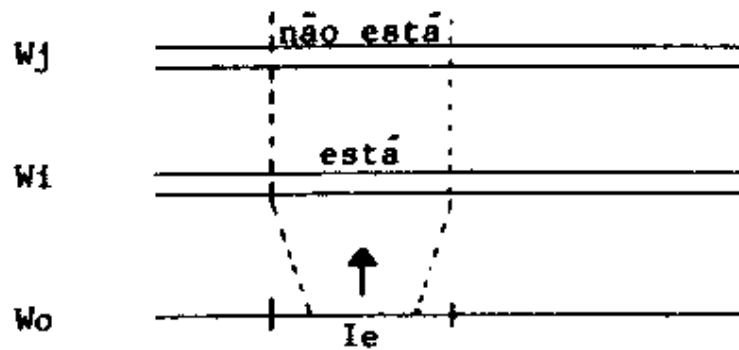
Vejamos, no entanto, outros exemplos:

(4) Estará em casa?

(5) Será para ti?

A primeira observação a fazer é a de que estas frases têm a forma interrogativa do tipo sim/não sem, no entanto, ser uma pergunta, pois entre as continuações dialogais mais prováveis estariam as do tipo: "não sei", "talvez", "deve ser", etc.. Mas as perguntas podem também ser encaradas como um dos meios de expressar modalidade na medida em que podem ser definidas como expressão da ignorância ou dúvida relativamente à verdade de uma proposição ou à realidade de um estado de coisas de acordo com leis do raciocínio. Para além disto, uma pergunta sim/não manifesta, geralmente, que "o Loc. não acredita que a proposição seja verdadeira, mas acredita que possa ser verdadeira... e acredita que o Aloc. está, pelo menos, nas mesmas condições que ele para saber se é verdadeira" [6], o que nos sugere que este tipo de perguntas, pelo menos, expressa uma certa modalidade epistêmica.

(4) e (5) veiculam uma modalização que tem origem na forma de futuro simples, pois nestes exemplos "estará" e "será" integram-se dentro de um intervalo de tempo do presente cuja representação pode ser esta:



o que significa que o Loc. está inclinado a considerar que "está" ou "ê" mas se sente incapaz de uma asserção, admitindo que pode estar a raciocinar com base num erro (default reasoning) [7], e servindo-se de uma falsa pergunta para acentuar a sua dúvida no sentido de duplamente modalizar a sua enunciação.

Compara-se, assim, (4) e (5) com (4') e (5') e (4'') e (5'') se ditos nas mesmas circunstâncias:

- (4') Vai estar em casa?
- (5') Vai ser para ti?
- (4'') Está em casa?
- (5'') É para ti?

O primeiro par sugere que pode haver alguma futuridade mas que se admite um certo plano que pode ser do conhecimento do Aloc.. No segundo par de exemplos a única modalização é a da pergunta e, sem qualquer advérbio temporal, não se pode fazer qualquer referência futura, esperando-se, neste caso, uma resposta sim/não.

Pode-se, então, formular a hipótese de que o Presente só marca posterioridade se acompanhado de um advérbio ou expressão adverbial temporal que assinale um intervalo posterior com predicadores de movimento e, parcialmente, com os de duração:

- (6) Ele visita os tios amanhã.
- (7) Ele come o bolo amanhã.

- (8) Ele sai agora/hoje.
- (9) Ele chega agora/hoje.
- (10) Ele escreve.
- (11) Ele cozinha.

Note-se, no entanto, que em qualquer dos casos há expectativa ou previsão de acordo com o conjunto de conhecimentos disponíveis no momento da enunciação, pois em (6) - (9) a evidência é domínio do não-factual embora (8) e (9) estejam enquadrados pelo intervalo agora/hoje, termo cronológico dentro do qual o processo se realiza a partir do presente da enunciação.

Vejam-se ainda outros exemplos com a forma de Futuro simples:

- (12) Será verdade o que dizes [mas eu não creio].
- (13) Será a tua opinião [mas não é a minha].
- (14) A esta hora já estará em Nova Iorque.

Os dois primeiros apresentam características muito semelhantes e a forma de futuro em (12) e (13) pode ser parafraseada por "pode ser" enquanto que (14) será parafraseável preferencialmente por "deve estar", o que nos faz supor diferentes estimativas de veredictão, na medida em que nos dois primeiros exemplos se admite um leque mais amplo de possibilidades, isto é, entre outras, está explícito "ser verdade" ou "ser a tua opinião" e os seus contrários, enquanto que em (14) a única possibilidade que se considera é "estar em Nova Iorque", embora para qualquer dos casos as inferências se possam manifestar inválidas com o acréscimo ou alteração das informações actuais.

Contraste-se (12) e (13) com (12') e (13'):

- (12') É verdade o que dizes [mas eu não creio].
- (13') É a tua opinião [mas não é a minha].

em que o sentido produzido é muito diferente e (12') parece mesmo paradoxal. Em qualquer destes dois casos perde-se a modalização. Quanto à futuridade, não está marcada em nenhum destes cinco exemplos.

Mas, contraste-se ainda com (12') e (13'):

(12'') Vai ser verdade o que dizes mas eu não creio.

(13'') Vai ser a tua opinião mas não é a minha.

Nestes casos, "vai ser" apresenta futuridade mas não pode constituir paráfrase de nenhum dos pares considerados anteriormente.

Quanto a (14), observe-se o contraste com (14'):

(14') A esta hora já está em Nova Iorque.

em que a forma de presente sugere ser um facto ou se considera inserido numa cadeia causalística onde não são possíveis alterações.

Com (14''), a relação parece ser discutível:

(14'') A esta hora já vai estar em N.Iorque.

Em primeiro lugar, esta frase não parece ser completamente aceitável e "vai estar" só, aparentemente, tem uma certa referência futura, se pensarmos que estar é o resultado de ir.

Mas outras frases apresentam também aspectos interessantes para a análise que nos propomos efectuar:

(15) Já se passou há muitos anos mas estará sempre na sua memória.

"Sempre" é um advérbio de tipo especial que refere um intervalo global de tempo embora com eventuais intermitências, e, neste caso, limitado ao tempo de vida do sujeito. Porém, esta forma de Fut. conjuntamente com tal advérbio permite-nos interpretar esta

frase como expressiva de, pelo menos, um presente a ser continuado de futuro. Neste caso, diríamos que equivale a "está e estará".

Se substituirmos a forma Fut. pela do Presente, então "sempre" passa a ter outra interpretação: é uma projecção do passado (passou-se há muitos anos) para o presente, mas nada se afirma do tempo posterior ao da enunciação; será equivalente a "esteve e está". [8].

Se na mesma frase, "estará" for substituído por "vai estar", afirma-se que, pelo menos a partir de um ponto posterior à enunciação, "está na sua memória", não se mencionando se esteve ou se está. É plausível que "tenha estado" e "esteja" [9] mas ou isso não é relevante ou supõe-se ser do conhecimento comum dos interlocutores.

Da observação destes exemplos, pode-se já notar que, em muitos casos, a forma de Fut. simples está pouco relacionada com a expressão de tempo, mas que apresenta frequentemente uma modalização que lhe imprimiu o Loc., como estratégia comunicativa, considerando-se que estas modalizações sobrevêm quando se alteram factores determinantes da enunciação (sujeito ou tempo) de que mais adiante falaremos.

Consideramos ainda outros exemplos:

(16) O João casar-se-á no próximo ano.

(16') O João vai casar-se no próximo ano.

Em (16) supõe-se que o intervalo de tempo de um ano "O João casa-se", isto é, será um facto se... fazendo-nos admitir que podem surgir várias circunstâncias que impeçam que (16) venha a ser verdade. Esta condicional implícita parece estar presente em todas as frases com Fut. simples, o que evidencia a sua modalização e torna claro que o tipo de raciocínio presente é feito com base em dados actuais e sem haver evidência do contrário. Mas ao mesmo tempo, admite-se a reformulação desse raciocínio o que nos leva a pensar que o Fut. é um dos exemplos semânticos utilizados pela língua para dar conta de uma lógica modal não monotónica [10], provavelmente

a base dos raciocínios do senso comum. Em (16') não se trata de um futuro próximo como muitas vezes se diz [11] e sim de uma referência a um plano estabelecido sobre o qual temos evidências de que se irá realizar. Trata-se de uma referência futura mas que se toma, no intervalo de enunciação, como quase factual. Vejamos ainda um outro exemplo sugerido por um contraste que COVET [12] assinala em Francês:

(17) Este homem morrerá.

(17') Este homem vai morrer.

Contrariamente ao que COVET sugere para o Francês, não parece haver unicamente uma diferença de afastamento ou proximidade no tempo mas julgo que concomitantemente uma modalização de tipo diferente. Em (17) é do conhecimento que "este homem" "morrerá" um dia, isto é, num tempo indeterminado, mas o próprio facto de se singularizar um conhecimento geral é já portador de alguma informação extra a fazer crer que há alguns indícios apontando nesse sentido, sem, no entanto, haver responsabilização pela asserção por parte do Loc.. Em (17') parece antes remeter para uma cadeia de causalidade que se pressupõe e indícios que conduzem a um "visto que" e não a um "se", como já foi apontado anteriormente para o Fut. simples [13].

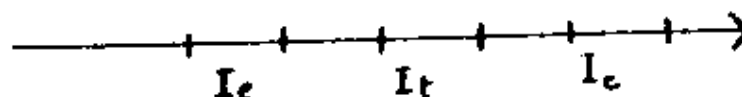
Vejamos agora outros exemplos em que se utiliza o futuro anterior [14] ou passado do Futuro [15]:

(18) Quando chegares, terei telefonado.

(19) A Maria terá dito que não gosta de cinema.

(20) Ainda não chegou. Terá perdido o comboio.

(18) pode assim interpretar-se, esquematicamente:

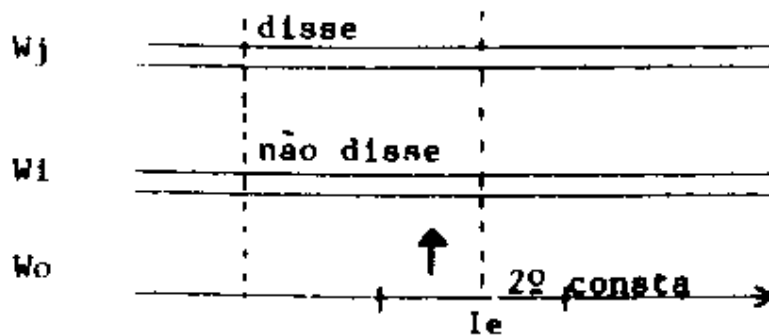


$$\text{isto é, } \forall_c I_c [>] I_e \\ \exists I_t [<] I_c \\ I_c [>] I_e$$

onde "terei telefonado" é posterior ao Intervalo da enunciação e anterior a outra forma de futuro (aqui expressa pelo chamado Futuro do conjuntivo por se tratar de uma oração temporal).

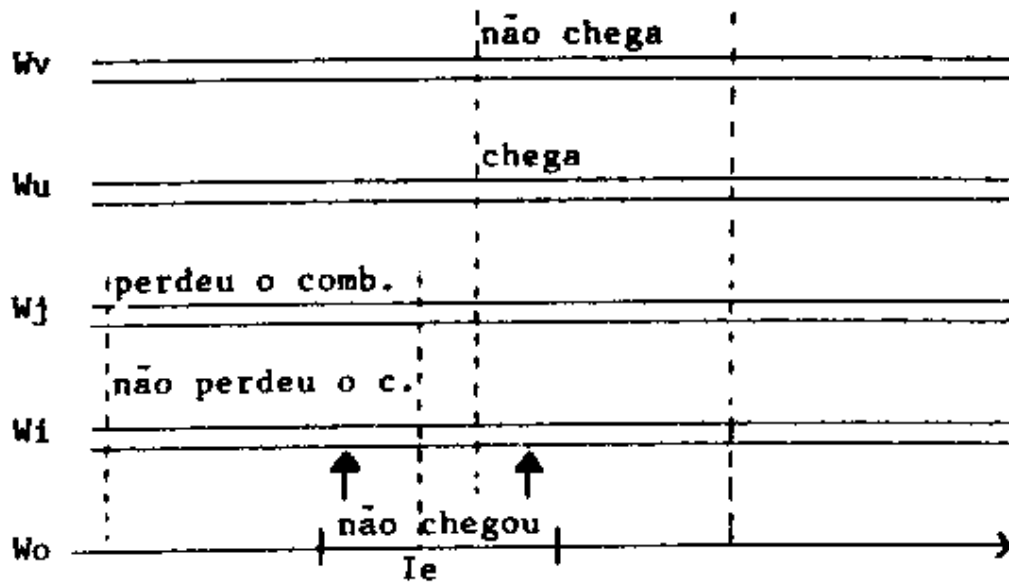
Esta é uma das formas típicas deste tipo de futuro.

Mas (19), no entanto, terá que ser representado de outra maneira:



Trata-se aqui de uma projecção sobre o eixo (das abcissas) do tempo, de conteúdos proposicionais diferenciados entre si, de parte de outros mundos possíveis. Esta projecção é realizada através da alteração de um dos factores da enunciação, isto é, o loc., que não assume a verdade ou falsidade do que diz, pois limita-se a transferir para outrém (segundo consta) ou outra enunciação de tal facto, característica, aliás muito comum em discursos relatados (ou indirectos). Neste caso, não se trata de intervalos de tempo anteriores ou posteriores mas de mundos ou estados de coisas possíveis.

Quanto a (20), a sua descrição não pode ser feita também em termos de relações de ordem de intervalos de tempo mas sim recorrendo a mundos possíveis:



A forma de futuro nesta frase não está em relação com nenhum outro tempo, como se verifica em (18), e não indica qualquer posterioridade em relação ao tempo da enunciação; simplesmente, desconhece-se a causa de um facto contrário à expectativa (não chegou) e por isso se sugerem possíveis causas.

Mas vejamos ainda (21):

(21) Ele terá telefonado ontem.

que se opõe a "ele telefonou ontem". Esta frase apresenta algumas semelhanças com (19) e também aqui se trata de um valor modal em que não há referência temporal futura, mas sim que se remete para um intervalo relativamente preciso: (ontem)



Note-se que nestes diagramas os mundos possíveis estão apenas aparentemente ordenados para efeito de contraste pois não são in-

trinsecamente ordenados como é o tempo.

Repare-se que (21') não parece aceitável:

(21') Eu terei telefonado ontem.

A razão deste facto reside muito provavelmente no contraste EU/ELE. Dado que um enunciado na 1ª pessoa faz parte dos conhecimentos recentes de Loc., ele sabe se se trata de um facto ou não.

Se o sujeito da frase for ELE, pode tratar-se de uma informação falsa ou não mas sobre a qual o Loc. se pronuncia dubitativamente mas numa estimava veridictiva de verosimilhança, com base nos dados ao seu alcance.

(21') poderá ser aceitável num diálogo deste tipo:

(22) A: ontem telefonaste ao João.

(23) B: terei telefonado ontem, mas não me lembro.

em que (23) é de construção semelhante a (12) e (13). [16]

Um outro aspecto interessante do Fut. é que, em frases simples, pode ser interpretado como epistémico, deontico ou até dinâmico, conjugando-se com forças ilocutórias que tornam os actos ilocutórios comissivos ou directivos num maior ou menor grau, contribuindo para isso a entoação.

Vejamos alguns exemplos:

(24) Sairei amanhã contigo.

(25) Não matarás.

(26) O sol nascerá amanhã às sete horas.

Em (24) parece tratar-se de uma modalização epistémica, como, aliás, em muitos exemplos anteriores, que permite considerar evidências no domínio da possibilidade, enquanto que em (25) e (26) se trata de uma força deontica ou circunstâncias empíricas respectivamente e que determinam certas ocorrências. No último caso considera-se o curso normal dos acontecimentos de acordo com leis

naturais que se pressupõem e em (25) as leis sociais-éticas que determinam certos comportamentos. Nesta medida, as duas últimas frases são do domínio do necessário e não do possível. [17]

O futuro parece assim jogar entre o necessário e o possível o que podemos ver na representação destas frases:

$$(24) \quad \mathcal{L} \sim (c \rightarrow \sim x) \quad [18]$$

leis sociais
evidência epistêmica
a verdade da proposição

$$(25) \quad \mathcal{L} (c \rightarrow x)$$

leis sociais ou éticas
força deôntica
a ocorrência de um acontecimento

$$(26) \quad \mathcal{L} (c \rightarrow x)$$

leis naturais
circunstâncias empíricas
a ocorrência de um acontecimento

Mas repare-se, por exemplo, que (26') pode não ser aceitável:

(26') O sol vai nascer amanhã.

Isto é, esta frase é interpretável se relacionarmos 'plano estabelecido' (interpretação que demos anteriormente a $ir+inf.$) e "lei natural".

Mas (27) não levanta quaisquer problemas porque se trata

(27) O sol vai nascer.

de uma inferência baseada em certas observações, conhecimentos ou evidências, o que aponta para uma interpretação epistêmica.

Assim, para o Futuro no domínio das leis racionais parece preferencial a consideração de várias possibilidades enquanto que no domínio das leis sociais ou naturais surge preferencialmente no âmbito da necessidade.

De um modo geral, os Fut.'s utilizam-se quando se fazem inferências acerca de um estado de coisas sobre o qual não se tem a certeza [19] e, nessa medida, um Fut. depende sempre de uma con-

dicional implícita, pois se considera que a proposição só pode ser verdadeira se se verificarem determinadas condições, pois, caso contrário, podem surgir muitas outras possibilidades. Se não se fizerem inferências, então passa-se para o domínio de um tipo determinista (e não tendencial) de leis e está implícito um visto que relativo a uma cadeia causal que se considera irreversível.

Por outro lado, com valor exclusivamente modal, o Fut. entra em construções do tipo Fut - mas ... em situações de diálogo, pon-do-se em dúvida o enunciado do interlocutor, como vimos a propósito de (12) e (13), perdendo-se assim qualquer informação temporal, pois estes Fut's estão dentro do intervalo da enunciação ou de um presente de enquadramento, como em (28)

(28) O Pedro falará muito, mas diz coisas interessantes!

Ir + inf. pode ser também utilizado para fazer inferências, mas com algumas diferenças, isto é, no intervalo da enunciação o valor de verdade da proposição parece evidente e conseqüentemente produz-se o efeito de uma maior certeza, tanto mais que a condicio-nal implícita a um Fut.não surge, de um modo geral, e quando surge, marca-se uma pausa que tem por efeito uma autocorreção sobre o grau de certeza que se manifestou anteriormente:

(29) O João dará o quadro ao filho se tiver dinheiro.

(29') O João vai dar o quadro ao filho/se tiver dinheiro.

ou ainda:

(30) O João dará o quadro ao filho, mas não tenho a certeza.

(30') (?) O João vai dar o quadro ao filho, mas não tenho a certeza.

A respeito do Fut. interessa considerar alguns dos recentes desenvolvimentos de teorias modais não-monotônicas [20]. Estes sistemas lógicos são lógicos em que a introdução de nova informação

(axiomas) pode invalidar teoremas anteriores, isto é, dada a informação A e B à disposição de X, este formula certas hipóteses que lhe permitem fazer certas diferenças. Mas pode acontecer que nova informação altere a plausibilidade das hipóteses e portanto a conclusão D não está garantida.

Ora, o que nos parece importante neste tipo de sistemas é a consideração de que, num determinado momento, se podem tomar decisões com base em informação incompleta (ou porque não estava completa ou porque não se considerou) e determinadas inferências mostrarem-se inválidas.

O caso do Fut., e muito provavelmente de outras modalidades, é que parece assentar neste tipo de raciocínio. Uma asserção feita no Fut. permite que se considere preferencialmente um determinado desenvolvimento do estado de coisas, daí que nos estudos que utilizam modelos de futuro ramificado (branching future models) [21] se considerem várias alternativas, ou que numa semântica de mundos possíveis aplicada à linguística se considerem mundos alternativos ao considerado que terão, de qualquer forma, de ser consistentes com este. Um dos problemas deste sistema - que Hintikka [22] tem recentemente tentado resolver através da semântica da teoria do jogos (Game-theoretical semantics) - é que se considera o falante onisciente; ora esta suposição não é natural e, por isso, uma lógica que permita considerar um determinado conhecimento disponível num determinado intervalo de tempo, e alterável num intervalo de tempo posterior, parece ser mais adequada ao tipo de inferências que qualquer falante tem capacidade para fazer.

O Futuro, por não ser factual, é um lugar da não-certeza, por se referir a intervalos de tempo posteriores e em muitos casos por ser modalização sobre os conhecimentos que se têm no momento da enunciação, aproxima-se de um modo. A Futuridade repre

sentam, assim, tipos de modalizações diferentes mas sobre os quais se tomam tipos diferentes de atitudes proposicionais. O Fut. simples, provavelmente pelas suas origens, tem reservado um mais alto grau de abertura de possibilidades do ponto de vista epistémico, e daí que se considere mais incerto. Ir + inf. - como auxiliar é utilizado só em certos tempos - porque responde em grande parte a um plano pré-estabelecido no momento da enunciação, tem por efeito um maior fechamento desses mundos, enquanto que o Presente sugere a consideração de um único mundo. Assim, o Loc., recorrendo à sintaxe e à semântica da língua, pode produzir efeitos pragmáticos diferentes: dar conta de uma maior maior ou menor certeza face a um estado de coisas ou ao seu desenvolvimento.

NOTAS:

[1] Fleischman, por exemplo, defende que a passagem de um Fut. analítico a sintético está relacionado com a alteração de ordem de palavras do latim vulgar para o romance, passando de SOV a SVO (pg. 113 e seg.)

[2] Como se sabe, o Presente é uma categoria semântica extremamente complexa. ver a propósito O. Lopes "Para um conceito díficil de Presente e de Presença" (85)

[3] Não-factual quer dizer que a frase não se refere a um facto mas não exclui a possibilidade de uma eventual factua-
lidade em T_{0+1} . Um acontecimento não factual é aquele em que a fac-
tualidade não está estabelecida, isto é, não é marcado quanto
à factua-
lidade. Contrafactual é que significa que o estatuto fac-
tual do acontecimento está em conflito com o mundo real e contínua
rá a estar.

[4] Veja-se a este respeito F. OLIVEIRA "Alguns efeitos semânticos e pragmáticos do Pretérito Imperfeito". (85)

[5] Veja-se MALACA CASTELEIRO et alii, (77)

[6] Ver HUDSON (75), pg. 7

[7] Ver MOORE, R. (85)

- [8] Não consideramos aqui os usos de "sempre", em regra anteposto, de complexo efeito semântico-pragmático, do tipo: "Ele sempre veio"
- [9] Note-se que a semântica de memória exige que "esteja na memória" e, neste caso, que "tenha estado" pois "passou-se há muitos anos". Isto permite relacionar ir + inf. aqui com o que atrás foi dito acerca desta forma constituir um plano ou uma continuação no futuro de algo estabelecido anteriormente.
- [10] Veja-se TURNER, R. (84) e MOORE, R. (85)
- [11] O efeito de proximidade, neste tipo de futuro, está no facto de ainda não se estabelecer uma fronteira definida entre ir - Aux. e ir - Verbo. Mas a forma de futuro com este aux. pode usar-se com adverbiais de extensão temporal muito variável. A ideia de que ir + inf. remete para um futuro próximo está, talvez, ligada ao facto de sobre este se poder ter evidências epistémicas do que sobre um futuro longínquo. Mas, efectivamente, a questão está em que esta forma, contrariamente ao Fut. simples, remete para um plano estabelecido que se considera que é plausível se efective.
- [12] COVET (80), pg. 98
- [13] Note-se que estas frases podem funcionar como imperativo futuro ou ao que sob tal designação existe na morfologia verbal do Grego e do Latim clássicos e para o qual daremos uma interpretação mais à frente.
- [14] O. LOPES (71), pg. 223
- [15] MATEUS et alii (83), pg. 107
- [16] No caso de (23), a "dúvida" pode incidir em ontem e não sobre o facto de ter telefonado, isto pelo menos na interpretação mais natural. De qualquer forma, não se trata aqui de um futuro nem mesmo anterior.
- [17] Veja-se a nota [13]
- [18] Veja-se McDERMOTT e DOYLE e a sua regra de Possibilitação (Poss): "can't infer - A then MA."
- [19] Por isso muitas vezes se diz - e Lakoff é um dos primeiros a dizê-lo - que o Futuro está relacionado com mais ou menos certeza.
- [20] Veja-se TURNER, R. (84), pg. 59 - 76 e MOORE, R. (85)
- [21] Veja-se, por exemplo, TEDESCHI, P. J., (81)
- [22] Veja-se HINTIKKA, J. (78)

BIBLIOGRAFIA

- COVET (1980): Temps, aspects et adverbés de temps en français contemporain, Droz, Genève.
- FLEISCHMAN, S. (1982): The Future in thought and Language, C.U.P., Cambridge.
- HINTIKKA, J. (1978): "Impossible possible worlds vindicated" in SAARINEN, E. (org.), Game-Theoretical semantics, Reidel Dordrecht, pg. 367 - 379
- HUDSON, R.A. (1975): "The meaning of questions" in Language 51, pg. 1 - 31.
- LOPES, O. (1971): Gramática Simbólica do Português, Gulbenkian, Lisboa.
- _____ (1985): "Para um conceito dístico de Presente e de Presença" - comunicação apresentada ao colóquio "Teoria do Texto", Évora, Março 85.
- MALACA CASTELEIRO et alii (1977): "Realização do futuro do presente no Português Europeu Falado", comunicação apresentada no XVº Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, Rio de Janeiro (nao publicado)
- MATEUS, M. H. et alii (1983): Gramática da Língua Portuguesa, Almedina, Coimbra.
- McDERMOTT, D. DOYLE, J. (1980): "Non-monotonic logic I" in Artificial Intelligence 13, pg. 27-39.
- MOORE, R. (1985): "Semantical considerations on non-monotonic Logic" in Artificial Intelligence 25, pg. 75-94.
- OLIVEIRA, F. (1985): "Alguns efeitos semânticos e pragmáticos do Pretérito Imperfeito", a publicar in Homenagem a J. G. Herculano de Carvalho.
- TEDESCHI, P. J. (1981): "Some evidence for a Branching-Futures Semantic Model" in Syntax and Semantics 14, Academic Press, Londres, pg. 239-269.

TURNER, R. (1984): Logics for AI, E. Horwood, Chichester.